

O texto e seus entornos: a geração do sentido e os níveis de pertinência na proposta de Jacques Fontanille

Eliane Soares de Lima*

Resumo: Levando em conta o interesse cada vez maior dos semioticistas por outros objetos semióticos que não apenas o verbal, reavaliar certos dogmas da teoria torna-se necessário. Entre as novas propostas que a partir daí surgem, está a de Jacques Fontanille, que propõe a integração da situação semiótica ao campo de pertinência da análise dos textos. Sua ideia interessa na medida em que permite formalizar semioticamente o que se considerou, por muito tempo, como extrapolação do texto ou violação do princípio de imanência. Para explicitar e melhor compreender as especificidades do percurso de análise proposto pelo teórico francês, bem como as contribuições que ele traz à teoria semiótica, escolheu-se analisar uma fotografia de imprensa vinculada a uma notícia divulgada pela mídia eletrônica. A intenção é mostrar como o conjunto da situação semiótica permite ao texto-objeto funcionar segundo as regras de seu próprio gênero, regulando sua interação com os percursos e os usos dos enunciatários potenciais, suas expectativas e suas competências modais e passionais. O objetivo desse trabalho é, portanto, mostrar a validade e eficiência do instrumental proposto por Jacques Fontanille para a análise dos textos verbais e não-verbais, bem como os ganhos da teoria ao estender sua preocupação ao nível da manifestação, respeitando, todavia, o princípio de imanência.

Palavras-chave: percurso gerativo, plano da expressão, situação semiótica, fotografia

Introdução

A semiótica de linha francesa, tomando como objeto de estudo a significação, ou mais especificamente, o processo que lhe garante a existência, concebe o texto como um espaço de relações formais, de articulações, que podem ser (re)construídas por um trabalho de análise. Foi, e ainda é, em torno dessa preocupação que a teoria desenvolveu seu instrumental teórico-metodológico, abordando os textos a partir de níveis de pertinência. Como explica Portela, “é desse princípio epistemológico que derivam todos os desenvolvimentos teóricos que resultaram no percurso gerativo do sentido” (2008, p. 96).

Em um primeiro momento, os estudos e análises desenvolvidos pela teoria semiótica tiveram como foco apenas o plano de conteúdo dos textos, “anterior” à manifestação textual propriamente dita. Já há algum tempo, no entanto, com o interesse cada vez maior por outros sistemas semióticos que não o verbal, o desenvolvimento de teorias e metodologias que permitam também a análise do plano da expressão está em alta. De acordo com Jacques Fontanille (2005, p.

38), semioticista francês inscrito na tradição greimasiana, depois das primeiras análises, que visavam à identificação das unidades mínimas, verbais e icônicas, e ao levantamento dos seus valores denotativos e conotativos, chega-se à análise plástica e figurativa da composição de um dado objeto. No entanto, segundo o autor, essa extensão deve ser buscada para além dos objetos-suporte, pois cada um deles é inseparável do entorno em que está inserido e que lhe confere eficácia enunciativa e pragmática.

É nesse sentido que Fontanille vai propor seu *percurso gerativo da expressão*, que, assim como o tradicional percurso gerativo do conteúdo, prevê a apreensão das especificidades de um dado objeto a partir de diferentes instâncias de abstração, também divididas em patamares de profundidade. Vale ressaltar, contudo, como o faz Portela, que a *expressão* a que se refere Fontanille, não é a “expressão em sentido restrito, identificada geralmente à manifestação material de um fenômeno, mas a expressão da manifestação semiótica, baseada na experiência de um sujeito sentiente” (2008, p. 98).

A novidade da proposta está na integração da situação semiótica ao percurso gerativo. Como esclarece

* Universidade de São Paulo (usp). Endereço para correspondência: { li.soli@ig.com.br }.

Elizabeth Duarte, “Fontanille propõe que a *situação semiótica* seja compreendida como uma configuração heterogênea que comporta todos os elementos necessários à produção e à interpretação da significação” (Duarte, 2005, p. 12). A ideia interessa na medida em que permite apreender a própria práxis semiótica, atribuindo ao objeto de análise uma direção significativa, uma intencionalidade.

A partir dessas considerações, a reflexão sobre a “função semiótica” delinea um domínio interior e um domínio exterior entre os quais se instaura o diálogo semiótico. A “fronteira” que separa os dois domínios — da expressão e do conteúdo — é na verdade, segundo Fontanille (2007, p. 43), apenas a posição perceptiva do sujeito quando ele se põe a apreender o sentido de um conjunto significativo.

Assim, a proposta do teórico francês é a de não apenas passar do texto ao objeto, mas ir além, examinando o conjunto da situação semiótica que permite o “funcionamento” do objeto, sem, todavia, violar o princípio de imanência. Como esclarece o autor (Fontanille, 2005, p. 22), mesmo se objetos se dão a ver em sua autonomia material e sensível, seu funcionamento semiótico está intimamente relacionado a seu entorno. Não se trata, no entanto, de inserir o objeto de análise

em seu contexto, mas, ao contrário, de integrar o contexto ao objeto de análise. Nas palavras do autor:

Por trás do princípio da imanência perfila-se uma hipótese forte e produtiva, segundo a qual a própria práxis semiótica (a enunciação “em ato”) desenvolve uma atividade de esquematização, uma “metasemiótica interna”, pela qual podemos “apreender” o sentido, e que a análise tem por tarefa inventariar e explicitar em sua metalinguagem (Fontanille, 2008, p. 16).

Para o semioticista francês, é preciso, hoje, saber distinguir bem o próprio princípio de imanência e a fixação dos limites da imanência. Dessa forma, para ressaltar, então, o tão prezado “princípio de imanência”, que está na base da teoria semiótica desde seus primeiros desenvolvimentos, Fontanille se apoia na ideia de Jean-François Bordron, que sugeriu a existência de vários “planos de imanência” que variariam segundo o nível de pertinência de análise semiótica (Portela, 2008, p. 98). Desse modo, o percurso proposto busca formalizar semioticamente o que se considerou por muito tempo entre os semioticistas como extrapolação do texto ou violação do princípio de imanência.

Tipo de experiência	Instâncias formais	Instâncias Materiais
figuratividade	figuras-signos	Propriedades sensíveis e materiais das figuras
interpretação	↓ textos-enunciados	↓ Propriedades sensíveis e materiais dos textos
corporeidade	↓ objetos	↓ Propriedades sensíveis e materiais dos objetos
prática	↓ cenas predicativas	↓ Propriedades sensíveis e materiais das cenas
conjuntura	↓ estratégias	↓ Propriedades sensíveis e materiais das estratégias
éthos e comportamento	↓ formas de vida	↓ Propriedades sensíveis e materiais das formas de vida

Tabela 1
Percurso gerativo do plano da expressão

Para Fontanille (2005, p. 36; 2008, p. 18), a estruturação do universo da expressão semiótica se faz em seis planos de imanência e de pertinência diferentes, sendo eles: (1) o nível das figuras-signos; (2) do

texto-enunciado; (3) do objeto-suporte; (4) da cena predicativa; (5) das estratégias e (6) o das formas de vida. Em cada um desses níveis, o princípio de pertinência distingue um tipo de experiência, uma instância

formal-estrutural e uma instância material-sensível. De cada tipo de experiência surge, assim, um nível de pertinência que pode ser abordado dentro de uma dada análise (ver Tabela 1).

Para melhor compreender as especificidades desse novo percurso de análise, bem como as contribuições que ele traz à teoria semiótica, escolheu-se analisar um sistema semiótico não-verbal, que é parte integrante de uma prática semiótica bastante difundida em nosso meio. Trata-se de uma fotografia de imprensa, veiculada pela mídia eletrônica e impressa, e que, dada a sua potencialidade expressiva, teve repercussão também na televisão¹. Ela está vinculada a uma notícia, divulgada em 30 de agosto de 2006, na sessão “Rio”,

do jornal *O Globo Online*², referente ao assassinato do engenheiro Leonardo Tramm Drummond.

Essa fotografia (ver Figura 1), que mostra a mãe, Norma Drummond, segurando em seus braços o corpo morto do filho, ainda no local do crime, condensa informações capazes não só de expor visualmente os fatos relatados pelo segmento verbal do enunciado em questão, mas principalmente de caracterizá-los em uma situação contextual mais ampla. Ela não se apresenta como um elemento utilitário apenas, cuja função seria a de descrever, convencer ou explicar o acontecimento, mas ela o recria em todas as suas dimensões; não no que representa, mas na forma como representa.



Figura 1

Mãe chora morte do filho

Nesse sentido, acredita-se que estudá-la não só enquanto texto, passível de sentidos próprios e autônomos, mas levando em conta também seus entornos, permite compreender também a constituição fenomenológica e sensível de sua significação.

Como explica Fontanille (2005, p. 38), esse *entorno* compreende o conjunto da situação semiótica que permite ao texto-objeto funcionar segundo as regras de seu próprio gênero e regular principalmente sua interação com os percursos e os usos dos enunciatários potenciais, suas expectativas e suas competências modais e passionais. É somente na prática englobante que se pode avaliar a eficácia discursiva.

Para realizar essa análise, tentando explicitar o fun-

cionamento do percurso gerativo da expressão em sua hierarquização canônica, optou-se por aquilo que Fontanille define como modo de realçamento — uma análise *gerativa* que leva em conta as interações de um nível com o outro. Desse modo, privilegiar-se-á a dimensão integrativa do percurso, sem, no entanto, deixar de lado as operações da dimensão retórica, que agem sobre a expressão para induzir conteúdos e valores.

1. Figuras-signos: a experiência da figuratividade

O nível de pertinência das figuras-signos é o primeiro patamar do percurso gerativo da expressão proposto

¹ Passado um ano do acontecido que sustenta a reportagem em questão, a fotografia a ser analisada foi motivo de reportagem do *Fantástico*, telejornal da Globo exibido aos domingos. Disponível em: (<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0...AA1624983-4005,00.html>). Acesso em 10 de setembro de 2008.

² (<http://oglobo.com/rio/mat/2006/08/30/285470353.asp>). Acesso em 12 de setembro de 2008.

por Jacques Fontanille (ver Tabela 1). Por meio dele, podemos pensar em nossa relação com o mundo significativa, uma vez que é colocado em questão o problema da esquematização e valoração das unidades de significação e da forma como nos relacionamos com ela.

Ao olharmos uma fotografia, entramos imediatamente em contato com a sua figuratividade, que funciona como uma espécie de iconização, cuja finalidade é produzir uma ilusão referencial de reprodução análoga. Mas antes mesmo de identificarmos as figuras em si, somos como que tomados por sua presença.

Intimamente ligada à noção de percepção, a presença é a qualidade sensível que nos afeta com alguma intensidade, fazendo com que nossa atenção se ofereça ao objeto ou a ele resista. Nesse sentido, a imagem fotográfica, enquanto presença, coloca-se no nível das figuras-signos como uma primeira articulação semiótica da percepção, como correlato perceptivo de uma grandeza puramente sensível, que convida o sujeito senciante a mobilizar sua visada na busca de uma apreensão.

A articulação entre a dimensão icônica e a dimensão plástica que lhe recobre, a seleção e combinação dos signos (formas, cores, contrastes, projeções, volumes etc.) no nível de pertinência das figuras-signos funciona, portanto, como uma propriedade de espontânea e imediata captação do fluxo de atenção, da sensibilidade do sujeito que a percebe. E é essa relação sensível que se estabelece entre fonte e alvo — enunciado e enunciatário — que responde pela experiência da figuratividade, que marca um momento de “insinuações de sentido”.

Os elementos sensíveis e materiais da dimensão plástica da imagem, no entanto, só se tornam pertinentes de um ponto de vista semiótico no nível seguinte, isto é, no momento de sua integração no nível do texto-enunciado, que caracteriza o que Fontanille (2005, p. 18) chama de “dimensão tabular” do objeto de análise — responsável pela distribuição e inscrição das figuras dentro do texto.

2. Texto-enunciado: a experiência da interpretação

Como explica Portela, “não basta ao sujeito perceber a existência de um fenômeno, a questão, no nível de pertinência dos *textos-enunciados*, é conferir sentido ao que é percebido, é posicionar-se seja como intérprete seja como produtor em relação ao que é percebido” (2008, p. 100). Nesse sentido, o nível de pertinência do texto-enunciado é, por excelência, o nível da simbolização e da racionalização, ou inteligibilidade, subjacentes aos materiais que são articulados, manipulados, para fazer sentido.

Identificando as figuras da fotografia analisada, tem-se: uma mulher mais velha, com *expressão angustiada*, que tem em seu colo um homem morto e ensanguentado; os dois estão em uma calçada, próximos à sarjeta; há, perto deles, uma sombra que lembra um poste ou uma placa de sinalização; atrás, portas metálicas de um comércio já fechado ou de uma garagem, cuja disposição indica tratar-se de uma esquina; e eles são iluminados por uma luz que não a natural.

Cada uma dessas figuras traz em si um conteúdo semântico-ideológico que sugere sentidos ao enunciatário, levando-o a dar início a sua experiência de interpretação. Elas são indutoras de associações de ideias e funcionam como uma sintaxe, permitindo uma leitura: a mulher, com o homem morto e ensanguentado em seu colo, o que define um grau de proximidade entre eles, está *desconsolada*. O fato de eles estarem em uma esquina leva a crer que se trata de um assassinato, uma vez que seria pouco provável a escolha de tal lugar para um suicídio, e a expressão de *dor e revolta* no olhar da mulher assevera essa ideia.

Como se pode ver, a própria fotografia apresenta os elementos para a compreensão de todo o ocorrido, mostrando que, em sua relação com o texto verbal da notícia, esse funciona como uma *vibração secundária*.

Além disso, o conteúdo figurativo da fotografia é potencializado a partir da dimensão plástica que recai sobre cada uma das figuras. São os próprios formantes visuais que produzem, de um lado, efeitos de composição, de matéria, de textura, de cor etc. e, de outro, efeitos de sentido semissimbólicos. Por exemplo: identifica-se um jogo entre claro e escuro, entre iluminado e não-iluminado, que, dividindo os elementos da cena, já começam a sugerir sentidos.

Os contrastes entre claro/escuro e superior/inferior (re)criam no plano da expressão o espaço tensivo complexo da articulação discursiva dos valores de *vida* e *morte*, que estão na base do conteúdo veiculado pela fotografia. A parte mais clara da imagem, que destaca sua metade superior, é da ordem da extensidade, da vida, permitindo uma apreensão mais ampla e quantitativa da cena e colocando em destaque a figura da mãe, sobre a qual recaem os conteúdos de morte, manifestados pelo espaço escuro, na parte inferior da cena. Esses conteúdos são da ordem da intensidade, porque ligados ao acontecimento, à irrupção do inesperado, e respondem, conseqüentemente, pelos estados de alma provocados no sujeito afetado.

As cores do momento captado, longe de terem a função de colorir, apenas iluminam a cena. Há um contraste cromático, um tom de amarelo que predomina na imagem, sobrepondo-se às cores próprias das figuras. Além disso, mistura-se a esse amarelo, o vermelho, que se destaca na composição da imagem, criando um ambiente, uma certa atmosfera, de tensão e intensidade para o fato reportado. Caracteriza-se,

desse modo, no plano da expressão, a tensão que se estabelece entre os valores de vida e morte no plano do conteúdo.

Além da categoria cromática, também o jogo estabelecido entre o reto e o curvo chama a atenção na composição da imagem. O homem morto no chão forma uma reta e a mulher tem as pernas na mesma posição, enquanto o tronco destaca uma curva. Os elementos que compõem o “cenário” são todos formados por retas, seja a calçada e os frisos da porta metálica, ou os cantos da parede, destacando a posição encurvada da mulher. Desse modo, o jogo entre reto e curvo, entre horizontal e vertical, homologado aos valores de vida e morte, leva a uma leitura da situação: a mulher, único elemento com vida na foto, divide-se entre a linha reta e horizontal de suas pernas esticadas na calçada — assim como o homem morto — e pelo tronco vertical, mas curvado, que manifesta seu estado de *não-vida*. Uma parte dela morre com o homem e a outra se esforça para se manter viva, como revela a postura ereta de sua cabeça e de seu olhar, que por sua vez, aparecem na parte mais iluminada da imagem³.

A própria distribuição topológica das figuras, enquadrada pelo enunciador, opera uma função expressiva na fotografia: a mulher, única figura com vida na imagem, está circundada por figuras inanimadas, em um “cenário” frio e sem vida, que cria uma sensação de desamparo.

Como se vê, o plano da experiência perceptiva sensorial, o das figuras-signos em seu momento de unidade, conduz ao plano da experiência interpretativa na dimensão textual; isso porque, como explica Fontanille (2005, p. 18), o texto-enunciado se dá a conhecer como um dispositivo de inscrição. E é quando estão inscritas e organizadas nesse todo homogêneo, que as figuras se potencializam surtindo efeitos de sentido mais amplos e ambivalentes. Os próprios atos da enunciação acabam por se inscrever figurativamente na materialidade da imagem, na representação visual do significado da fotografia.

O nível de pertinência do texto-enunciado, entretanto, não consegue sincretizar de forma coerente e satisfatória toda a problemática da apreensão do tipo de experiência prática que envolve o objeto de análise, sendo preciso, para tanto, passar a uma semiótica do objeto que, segundo Fontanille (2005, p. 19), responde pela complexidade morfológica, pelo conjunto destinado a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada.

3. Objeto: a experiência da corporeidade

Todo o conteúdo expressivo da imagem analisada está adaptado às coerções do objeto, no caso, a fotografia. Vê-se, então, aparecer aqui o nível de pertinência do objeto-suporte.

O discurso da imagem, portanto, submetido às regras de enunciação e de composição próprias ao gênero fotografia, sobretudo a fotografia de imprensa, apresenta o acontecido de forma pontual, cabendo ao enunciatário a identificação, por catálise, do processo sintagmático no qual ele se insere. Trata-se de um discurso condensado de integração descendente intensiva, que atua por redução do número de dimensões, isto é, o acontecido está condensado e representado figurativamente em uma cena particular, que, por si mesma, engendra uma compensação, uma solidariedade entre a condensação e o desdobramento.

A imagem da fotografia manifesta, portanto, tanto uma cena figurativa típica, quanto uma forma de vida, uma vez que a condensação discursiva chega a produzir o efeito de simbolização, levando à reorganização interpretativa ascendente, que opera por complexão e por acréscimo de dimensões suplementares.

Em outros termos, o objeto-suporte modaliza e restringe o sistema de inscrições. Segundo Fontanille (2005, p. 22), enquanto objeto material, ele apresenta certas propriedades de consistência, de relativa solidez, que impõem uma praxiologia específica para desempenhar atos enunciativos. Nesse sentido, estão inscritas no objeto-suporte relações modais e epistêmicas, e também passionais, que aparecem como propriedades sensíveis e materiais potencializadas.

Assim, mesmo com sua natureza indicial e simbólica, altamente figurativa e iconizada, comprometida com a produção de efeitos de realidade, a fotografia de imprensa carrega traços desses usos, isto é, traços enunciativos.

Com efeito, o texto-enunciado da fotografia apresenta dois planos de enunciação diferentes: o da enunciação enunciada, inscrita na imagem e sobre o objeto-suporte; e o da enunciação pressuposta, que permanece virtual e hipotética até que se leve em conta a dimensão predicativa.

³ A rede de relações que conduz a essas afirmações é totalmente controlada pelos atos de discurso. Nada na definição dos elementos pertence à mesma categoria. A analogia é puramente discursiva. Mas, como bem lembra Fiorin (2003, p. 87-88), o estudo dos sistemas semissimbólicos é importante porque estabelece as relações entre o sensível e o inteligível, uma vez que, ao se examinar as correlações entre categorias da expressão e do conteúdo, desvelam-se os mecanismos reveladores da transfiguração das sensações em manifestações signícas.

4. Cena predicativa: a experiência prática, de ajustamento

O nível da experiência prática pode ser visto, como explica Portela (2008, p. 103), como “mediador entre o mundo ‘palpável’ dos objetos e a dimensão pragmático-cognitiva das estratégias”. Isso porque a prática compreende um operador, um objetivo e, sobretudo, outras práticas com as quais a prática de base interage. A fotografia, mais especificamente a da imprensa eletrônica, enquanto corpo material, está, portanto, destinada a práticas, sendo o uso a própria enunciação do objeto.

Tendo a possibilidade de apresentar não apenas um, mas diversos objetos e uma quantidade imensa de informações simultaneamente, a Internet trabalha essencialmente com o visual. O enunciatário-internauta deve passar os olhos nos títulos, nas imagens e querer saber mais detalhes. Por isso, em seu processo de persuasão, os jornais eletrônicos tentam mobilizar as dimensões sensíveis, passionais e racionais do enunciatário, causando um “efeito de arrebatamento”. As notícias devem ser claras e objetivas para saciar a “sede de informação” de seu enunciatário, mas devem conter, ao mesmo tempo, estratégias de arrebatamento, que o levem a querer saber mais.

Nesse contexto, o uso das imagens é bastante importante, ocupando um papel de destaque na construção das matérias. Elas condensam em si um grande número de informações, atraem o olhar, provocando, muitas vezes, sensações que, ao mesmo tempo, dissimulam a manipulação.

Assim, a forma de construção do sentido por meio da administração topológica e cromática do plano de expressão é o ponto-chave de concepção das páginas, que se apoiam em elementos que atraem o olhar e são colocados para serem “sentidos”. Daí Fontanille (2005, p. 25) falar em dimensão topocronológica, que responde pelas estruturas espaciais e temporais independentes do texto e do objeto, localizando e modalizando, no entanto, as interações entre os participantes da prática.

A imagem veiculada pela fotografia de imprensa analisada participa, então, de duas práticas diferentes: por um lado, ilustra o que foi contado no segmento verbal, dando veracidade ao que se diz; por outro, imprime ao enunciatário um modo de ver o acontecido. Fala-se aqui dos efeitos de sentido induzidos pelo texto-enunciado, que colocam em questão o nível de pertinência das estratégias, no qual o texto é um vetor de manipulação.

5. Estratégias: a experiência da conjuntura

Todo enunciado pressupõe um enunciador, que instaura em seu texto uma orientação discursiva. O que acontece na fotografia é que essa dimensão estratégica, que torna a situação semiótica mais ou menos previsível ou mesmo programável, só se apreende no dispositivo de expressão dos atos de proposição e de aceitação da troca.

A imprensa, de um modo geral, seja ela a impressa ou a eletrônica, vale-se de um grande número de “regras”, que se justificam em seu objetivo de transmitir textos imparciais e objetivos, sem expor opiniões, mas fatos tais como são, para que o próprio leitor tire deles suas conclusões. No entanto, a relação que se estabelece entre esse enunciador e seu enunciatário não é a de mera transmissão de informações, mas de valores.

Como ressalta Hernandes (2006, p. 17), comunicar, em todas as suas formas, não é apenas um meio inocente de transmissão de saberes, mas envolve também, e essencialmente, uma posição de manipulação persuasiva, de ação do homem sobre outros homens. Nesse sentido, o desafio do jornalista não é o de exibir a realidade dos acontecimentos tais como são, até porque isso seria impossível, mas consiste em convencer o enunciatário de que ele permaneceu neutro na apresentação do fato reportado e de que tal versão da realidade é a própria realidade.

Aprofundar-se, saber mais detalhes sobre o fato, deve ser uma opção e não uma imposição. Por outro lado, esse é o objetivo maior dos jornais eletrônicos, captar a atenção inicial do enunciatário, provocando nele o desejo de saber mais sobre o assunto. Nesse contexto, o uso da imagem ocupa um papel de destaque na construção estratégica das matérias. Elas condensam em si um grande número de informações, atraem o olhar, provocando, muitas vezes, sensações que, ao mesmo tempo, dissimulam a manipulação.

Na fotografia, as categorias plásticas, como visto anteriormente, são manipuladas de forma que os efeitos de sentido subsequentes orientem o percurso do olhar sobre o texto-enunciado. A condução do olhar, por sua vez, manipula o enunciatário fazendo com que sua apreensão da totalidade seja uma experiência semiótica, uma experiência perceptiva polissensorial.

A percepção de uma regularidade no conjunto de procedimentos de ajustamento estratégico, no discurso jornalístico, permite a apreensão do estilo estratégico usado em tal enunciação, mostrando os ganhos heurísticos da análise que leva em conta esse nível de pertinência.

6. Formas de vida: *éthos* e comportamento

As formas de vida manifestam as constantes de uma identidade e algumas valências, a partir das quais o enunciatário qualifica e valoriza o enunciado. Como explicam Fontanille e Zilberberg, “já não se trata somente de identificar uma forma, estrutura ou dispositivo na imanência discursiva, e sim de abordar-lhes o *efeito estético*” (2001, p. 209). Esse é, na verdade, o último nível em que se pode operar semioticamente (Portela, 2008, p. 105).

No nível de pertinência das formas de vida, ocorre a integração da significação em uma rede conceitual de uso e reconhecimento. Desse modo, a fotografia de imprensa analisada chama a atenção pela peculiaridade de seu plano de expressão, cuja disposição coerente das esquematizações acaba por instaurar um sistema de valores subjacente, tornado sensível.

O controle do sentido das expressões da imagem analisada é, como se pode ver, assumido por um duplo procedimento de condensação e desdobramento, que permite a passagem das figuras locais às formas de vida mais gerais que as subsumem e fazem-nas significar. Assim, do ponto de vista do enunciador, formar ou interpretar uma forma de vida é focalizar; do ponto de vista do enunciatário, é apreender.

A potencialidade expressiva da imagem responde, dessa maneira, pelo regime intersubjetivo de uma práxis orientada, uma vez que a conformidade entre expressão e conteúdo não se estabelece a partir de unidades isoladas, mas pela concatenação entre categorias situadas nos diferentes níveis de abstração do percurso gerativo. O plano de expressão da foto de imprensa analisada não funciona somente como suporte de um conteúdo já preexistente, mas o (re)cria em sua materialidade, fazendo-o ressignificar e incutindo ao sentido denotativo da imagem uma leitura ambivalente, com traços de sentido mais amplos.

Desse modo, a percepção da fotografia deixa de ser apenas a delimitação de uma extensão para se configurar como uma experiência sensível de apreensão do sentido, que suscita uma certa afetividade. A regulação que se faz a partir da adaptação recíproca da intensidade do foco sob a extensão da apreensão acaba por definir um tipo de construção discursiva que é bastante característico da práxis enunciativa em questão, a do discurso jornalístico.

Nesse sentido, como explica Portela (2008, p. 105), as formas de vida são o resultado de uma operação complexa de esquematização que parte da materialidade dos enunciados, passando pela realização social de seus usos e chegando a enunciados mais gerais que os condensam na forma de um jogo codificado de linguagem potencial, característico da práxis enunciativa.

Considerações finais

O percurso gerativo da expressão, concebido por Fontanille, surge como uma proposta de redefinir o espaço de preocupação da teoria semiótica, bem como o seu lugar dentro das ciências humanas. E, de fato, sua ideia se mostra como fonte de uma proposição teórica e metodológica de grande amplitude, uma vez que permite “responder” às questões que são colocadas à teoria a partir do exterior do texto.

Essas questões, longe de não terem nenhuma importância para a análise de um dado objeto semiótico, permitem o estudo da enunciação propriamente dita, ou seja, das operações inerentes ao ato de discurso, e não mais presos somente à enunciação enunciada. E poder pensar essa enunciação pressuposta submetida à coerção mínima de uma solidariedade entre expressão e conteúdo, ou seja, dentro da própria semiose, oferece por si só grandes oportunidades heurísticas, respeitando o princípio de imanência ao mesmo tempo em que o amplia.

Por outro lado, a elaboração de novos níveis de pertinência para o percurso gerativo do sentido implica a elaboração de novos procedimentos teóricos e metodológicos, que tenham a mesma objetividade e eficiência dos níveis anteriormente explorados. Assim, o percurso gerativo da expressão fontanilliano, fundado na esquematização dos diferentes níveis de complexidade da experiência semiótica e sobre uma evidente simplicidade operatória — a integração dos níveis de pertinência —, apresenta-se como proposta fecunda, mas não definitiva, a ser explorada e desenvolvida. ●

Referências

- Duarte, Elizabeth Bastos
2005. Prefácio. In: Fontanille, Jacques. *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Tradução de Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro. Porto Alegre: Sulina, p. 9-13.
- Fiorin, José Luiz
2003. Três questões sobre a relação entre expressão e conteúdo. *Itinerários - Revista de Literatura*. Araraquara: Unesp, p. 77-90.
- Fontanille, Jacques
2005. *Significação e visualidade: exercícios práticos*. Tradução de Elizabeth Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro. Porto Alegre: Sulina.
- Fontanille, Jacques
2007. *Semiótica do discurso*. Tradução de Jean Crittus Portela. São Paulo: Contexto.

Fontanille, Jacques

2008. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: Diniz, Maria Lúcia Vissoto Paiva; Portela, Jean Cristtus (org.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Tradução de Maria Lúcia Vissoto Paiva Diniz et alii. Bauru: Unesp/Faac, p. 15-74.

Fontanille, Jacques; Zilberberg, Claude

2001. *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Car-

los Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Humanitas.

Hernandes, Nilton

2006. *A mídia e seus truques*. São Paulo: Contexto.

Portela, Jean Cristtus

2008. Semiótica midiática e níveis de pertinência. In: Diniz, Maria Lúcia Vissoto Paiva; Portela, Jean Cristtus (org.). *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru, SP: Unesp/Faac, p. 93-113.

Dados para indexação em língua estrangeira

Lima, Eliane Soares de

The Text and its Environments: the Production of Meaning and the Pertinence Levels in Jacques Fontanille's Proposal

Estudos Semióticos, vol. 6, n. 1 (2010), p. 10-17

ISSN 1980-4016

Abstract: Among the new proposals of the semiotic theory, there is one by Jacques Fontanille that proposes the integration of the semiotic situation in the pertinence levels of analysis of texts. His idea is interesting as it allows formalizing what was considered, for a long time, an extrapolation of the text or violation of the immanence principle. This way, to explain and to have a better understanding of the specificities of the analysis process proposed by the French semiotician, as well as the contributions that he brings to the semiotics, we have chosen to analyze a photograph of press linked to a news piece published by an electronic media. The purpose is to show how the semiotics situation allows the text-object to work according to the rules of his own genre, regulating its interaction with the process and the uses of the potentials enunciatee, their expectations and their modal and passion competences. The objective of this work is, therefore, to show the validity and efficiency of the theoretical instrument proposed for the analysis of the texts, verbal and non verbal, as well as the gains to the theory when we extend its reach to the level of manifestation.

Keywords: generative process, expression plan, semiotic situation, photograph

Como citar este artigo

Lima, Eliane Soares de. O texto e seus entornos: a geração do sentido e os níveis de pertinência na proposta de Jacques Fontanille. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: { <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es> }. Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume A, Número B, São Paulo, junho de 2010, p. 10-17. Acesso em "dia/mês/ano".

Data de recebimento do artigo: 29/11/2010

Data de sua aprovação: 05/05/2010
